



Ano 9, Vol XIX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 79-99.

A PERDA DE UM FILHO POR CÂNCER: SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Fabíola Vieira
Denis Guimarães Pereira
Ewerton Helder Bentes de Castro

RESUMO

O diagnóstico de câncer infantil traz consigo um sinônimo de morte. As mães veem-se a frente de uma doença que causa extrema comoção, já que sonhos, desejos e planos projetados são desfeitos diante da morte desse filho. Este estudo busca compreender o significado da morte no discurso de mães. É uma pesquisa de natureza qualitativa e foi utilizado o método fenomenológico e a análise a partir dos pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial. Os participantes da pesquisa foram sete mães que tinham que perdido um filho e eram acompanhados pelo Lar de Apoio à Criança com Câncer em Manaus. O estudo foi realizado mediante entrevistas áudio-gravadas e partiu de uma questão norteadora. Dos discursos foram apreendidas Unidades de Significado que originaram Categorias de Análise que serviram para compreender a existencialidade dessas mães diante da perda de um filho com câncer. O estudo revelou que com a perda de um filho eles sentem como se tivessem perdido uma parte de si próprias, vêem a vida cotidiana afetada como um todo, seja no âmbito social, familiar ou pessoal. A fé, o apoio familiar e vontade de continuar a viver, possibilita o auto-crescimento em meio a facticidade. Conclui-se que a perda de um filho com câncer é uma experiência dolorosa, sendo que a experiência da dor começa ainda no momento do diagnóstico; é um acontecimento impactante que remete a mudanças radicais, mas com possibilidades de aprendizado, luta e enfrentamento.

Palavras-chave: Perda, Câncer infantil, Mães, Psicologia, Fenomenologia

LOSS OF A CHILD FOR CANCER: MEANING AND SIGNIFICANCE

ABSTRACT

The diagnosis of childhood cancer brings with it a synonym for death. Mothers find themselves ahead of a disease that causes extreme emotion, as dreams, hopes and plans designed are broken before the death of this child. This study seeks to understand the meaning of death in the speech of mothers. It is a qualitative research and we used the phenomenological method and analysis from the assumptions of the Existential-Phenomenological Psychology. Survey participants were seven mothers who had lost a child and who were accompanied by Home Support for Children with Cancer in Manaus. The study was conducted through interviews audio-taped and left a guiding question. The speeches were seized Units of Meaning that originated categories of analysis that served to understand the existential these mothers faced the loss of a child with cancer. The study revealed that the loss of a child they feel like they have lost a part of themselves, see the daily life affected as a whole, whether in social, family or personal. Faith, family support and willingness to continue living, enables self-growth through facticity. It is concluded that the loss of a child with cancer is a painful experience, and the experience of pain still get at diagnosis, is a shocking event that leads to radical changes, but with possibilities for learning, struggle and confrontation.

Keywords: Loss, Childhood cancer, Mothers, Psychology, Phenomenology

INTRODUÇÃO

O acometimento por qualquer patologia causa, sem dúvida, uma série de reações nos indivíduos envolvidos, do paciente a seus familiares. No caso da neoplasia, esta parece remeter de imediato ao sentimento de perda, de incapacidade frente a esta doença, considerada por muitos como sinônimo de morte. Conviver com uma doença que traz em si mesma este estigma não é uma tarefa fácil para a família. Deve-se compreender vários aspectos que aí se fazem presentes após a comunicação de um diagnóstico dessa natureza, assim encontramos: questões emocionais, afetivas e psicossociais, culminando na transformação da configuração familiar. E esta situação atinge parâmetros de sofrimento imensurável quando a criança vem a óbito (MACIEIRA, 2001; FUKUMITSU, 2004; CATERINE, 2007; PEREIRA, SILVA & CASTRO, 2017).

A perda de um filho estremece a possibilidade de perpetuação dos pais que demonstram se ver como um só com aquele filho que se foi, ou seja, uma parte deles também se foi, como os desejos, planos, sonhos.

Embora a morte faça parte da vida, falar sobre o tema da morte sempre assustou o ser humano. Há muito tempo a humanidade busca um sentido, ou diríamos até mesmo, uma explicação para o mistério da morte. Não queremos por muitas vezes pensar ou refletir sobre tal acontecimento, pois trás consigo um peso com o qual não queremos lidar ou não sabemos como lidar. Debater sobre o tema da morte nos faz lembrar que somos seres sujeitos a finitude, que estamos sujeitos as mais diversas facticidades da vida, sendo a morte a ultima delas. Heidegger (2013) e Castro (2017) revelam que o homem é um ser-para-a-morte.

A mortalidade por câncer no grupo de 0 a 19 anos apresenta-se hoje como uma das principais causas de óbitos. Estudos têm sido elaborados acerca do acometimento do câncer infantil e todos os aspectos que envolvem criança, familiares, equipes de saúde, tanto no Brasil como no exterior (LOPES & VALLE, 2001; DREIFALDT; CARLBERG; HARDELL, 2004; HELSETH & ULFSAET, 2005; BRASIL, 2005; 2007; 2008;2009; IZARZUGAZA; STELIAROVA-FOUCHER; MATOS, & ZIVKOVIC,2006; KAATSCH; STELIAROVA-FOUCHER, & CROCETTI, 2006; PERLS-BONET; MARTINEZ – GARCIA, & LACOUR, 2006; VON DER WEID, 2006; DULIOUST; PÉPIN & GRÉMY,2007; CASTRO, 2009; 2010; SILVA &

CASTRO, 2015; GOMES & CASTRO, 2016; PEREIRA, SILVA & CASTRO, 2017; CORREIA & CASTRO, 2017).

Valle (2001) aponta que o óbito de uma criança em decorrência do câncer, pode de um lado ser vivenciado como um momento de intensa fragilidade, por outro lado, algumas famílias agregam-se cada vez mais no sentido de, mesmo diante da perda, tornarem-se mais fortalecidas, mais unidas no sentido de dar continuidade às suas próprias vidas, sem agora a presença do filho que faleceu.

A relação vida-morte não é linear como causa e efeito, já que a vida influencia e também é influenciada pela morte, assim como a morte influencia e é influenciada pela vida. Diante da morte, não há lugar para ilusões ou mentiras e passamos a nos defrontar com o que realmente importa. Dessa forma, a concepção da morte deve ser integrada à vida e não negada. Então, havendo uma aceitação da própria morte isto proporcionará um crescimento pessoal para lidar com a mesma.

A dimensão sentido/significado de uma determinada situação experienciada nos remete a fundamentar o olhar a partir da Fenomenologia cujo objetivo é, segundo Pereira & Castro (2017, p.45):

Estudar a significação das vivências da consciência por meio da apreensão, análise e descrição do fenômeno que se oferece à nossa consciência [...] vai ser algo que aparece à consciência, algo intuído, julgado, imaginado, fantasiado, desejado ou temido pela consciência. Diante disso, compreende-se que o fenômeno inclui todas as formas de estar consciente de algo (sentimentos, pensamentos, desejos, vontades). Esses fenômenos independem dos nossos conhecimentos anteriores para existir. São dados imediatos que aparecem à consciência.

Assim, na concepção dos autores supracitados, o pesquisador coloca entre parênteses seu prévio conhecimento sobre o fenômeno, que ele (o pesquisador) poderá olhar diretamente para o que se passa diante de seus olhos, vendo o fenômeno enquanto o que ele é, sem pré-conceitos, sem julgamento de valores e sem um fundamento teórico que o fundamente e que poderá enviesar seu olhar acerca do que lhe é trazido por esse outro. É, dessa forma, vivenciar o que Castro (2017) amparado em Heidegger (2013) pressupõe: é ser-com-o-outro em relação.

O presente artigo tem por objetivo compreender como as mães significam a situação da perda de um filho em decorrência de um câncer utilizando o método

fenomenológico de pesquisa em Psicologia e a análise fundamentada a partir do referencial da Psicologia Fenomenológico-Existencial.

MÉTODO

A pesquisa é de natureza qualitativa, o estudo é retrospectivo e exploratório, e a metodologia empregada foi de inspiração fenomenológica, uma vez que busca compreender a vivência, o mundo-vivido dos participantes. Dessa forma, conforme pressupõem Pereira & Castro (2017), este método identifica o homem como um ser de infinitas possibilidades, calcado na concepção dialética que reconhece que o mundo e homem não existem separadamente e que o fenômeno responsável por essa união dialética é a intencionalidade, compreendida como ato de atribuir sentido, unificando no pensar destes autores consciência e objeto, sujeito e mundo.

Participantes

Foram considerados participantes da pesquisa 7 mães que tinham perdido um filho em decorrência de câncer e estavam sendo acompanhados pelos profissionais do Lar de Apoio à Criança com Câncer do Grupo de Apoio a Criança com Câncer (GACC) em Manaus.

Procedimento

A obtenção dos dados foi realizada nas residências dos participantes no período de outubro de 2010 a fevereiro de 2011, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas.

Os dados foram obtidos mediante uma entrevista aberta, audiogravada, com duração média de 1h30. Como normatizam Giorgi & Souza (2010) a característica do método fenomenológico é partir de uma questão norteadora – ou disparadora, como também é nominada – e, na pesquisa iniciou-se a pesquisa a partir da seguinte questão norteadora: "Gostaria que o Sr/Sra descrevesse como foi para você a morte de seu filho, o que sentiu, o que pensou nesse momento?".

A entrevista foi transcrita na íntegra e literalmente. Os resultados foram analisados de acordo com o referencial fenomenológico, proposto por Martins & Bicudo (2005); Pereira & Castro (2017) seguindo-se os seguintes passos: (a) leitura flutuante e releitura do material transcrito; (b) identificação das unidades de significado, ou seja, a parte do discurso de maior significação; (c) transformação das

Unidades de Significado em proposição psicológica; (d) construção das categorias de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos passos preconizados por Martins & Bicudo (2005); Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2017), utilizando o método fenomenológico de pesquisa em psicologia, a partir da transformação das Unidades de Significado em proposição de caráter psicológico, foram elaboradas Categorias de Análise, a seguir apresentadas:

A morte de um filho: a perda de uma parte de si mesma

Durante as entrevistas as falas das mães transmitiram com muita emoção e veracidade o sentimento de perder um filho, de ver uma vida que elas geraram em seu ventre ser ceifada por uma fatalidade de forma tão prematura. A sensação é de que uma parte de si mesma foi retirada, interrompida:

Uma situação muito difícil, né? é como se tirassem um pedaço da gente [...], então é como se arrancaram assim um pedaço da gente assim. A dor assim é inexplicável, é aquela dor constante. Parece assim que falta algo dentro de você. É uma dor assim que não tem remédio. Ela nunca passa, ela continua com você. E é uma dor que parece que se você não se controlar mesmo parece que você vai morrendo aos poucos. É muito difícil. (M.T.)

Difícil [se emocional] foi difícil e ainda é [...] dói, dói no meu coração, dói saber que não vou ver mais ela. Quando ela morreu senti um vazio, uma sensação de dor e sofrimento, um misto de não saber por onde caminhar. (M.H.)

A dor que tu sente da perda é assim, é difícil tá com 2 anos e não passou a dor continua a mesma é como se eu tivesse vivenciando a cada momento, pra falar a verdade depois que o meu filho morreu eu nunca mais tive uma vida normal, eu não sou feliz mais. A minha vida não é mais a mesma, a minha vida mudou completamente. (I.)

As falas revelam o quanto é difícil ter que conviver com a perda de um filho. Contudo, essas mães revelam que o processo é uma verdadeira batalha, uma luta que infelizmente foi perdida ocasionando uma espécie de apatia, de conformidade ante a facticidade que se abateu sobre elas, conforme ressalta a fala a seguir: “Depois que você

vê tudo o que aconteceu [...] você vê que a sua luta foi em vão, você perdeu a guerra, caminhou junto com o cara e não deu em nada. Tudo veio por águas abaixo”. (C.)

Pereira, Silva & Castro (2017) relatam que a morte de um filho é considerada pela maioria das pessoas como a maior tragédia da vida. Uma tragédia em que revelam que é preferível morrer, a ter que enterrar um filho: “(...), não sei se aguentaria outra perder, prefiro que Deus me leve do que perder outro filho, acho que mãe nenhuma quer.” (M.H.). Corroborando com esta acepção, Castro (2009) revela que a perda de um filho causa comoção, dor, sofrimento, angústia e sensação de vazio contínuo nas figuras parentais.

A morte é um processo natural, normal e integrante da própria vida. Contudo, conforme observamos as falas, para as participantes não é natural ou normal, nem tampouco faz parte da vida enterrar um filho. E, a partir desta concepção, a morte soa como uma derrota e não como um tempo de aprendizagem e crescimento do Ser (MACIEIRA, 2001).

A morte nada nos revela senão acerca de nós mesmos e desde um ponto de vista humano. Heidegger (2002b) coloca a morte como fazendo parte da vida e que a nossa primeira abordagem objetiva deste fenômeno – o término do Dasein – que é a morte, ocorre através da morte dos outros, e, neste caso específico, a morte de um filho. Estas mães adquirem literalmente a experiência da morte e, como nos diz Heidegger (2013) como ser é sempre um ser-com-o-outro, este momento é revestido por uma dor imensurável. Afinal, este autor em um de seus momentos mais pujantes ressalta que a morte dos outros coloca-nos diante de “esse extraordinário fenômeno de ser que pode definir-se com a mudança de uma entidade da espécie de ser do Dasein para não-mais-Dasein”(CASTRO, 2017, p. 23).

Mudanças na dinâmica familiar após o óbito

O processo de mudança na dinâmica familiar não ocorre apenas com o diagnóstico recebido, mas também após o óbito. O filho com diagnóstico de câncer passa a receber toda a atenção da família, a família canaliza toda sua energia, que antes era compartilhada por todos os membros, no tratamento da criança vislumbrando a cura. E, diante da situação que se instaura, várias transformações ocorrem.

Destacam-se neste tópico as falas que retratam as mudanças que ocorrem na dinâmica familiar após o óbito:

Nos uniu mais ainda. Porque a mesma dor que eu sinto, meus filhos também sentem, [...].Então nós tentamos nos unir mais, comunicar mais, dialogar mais. Ficar mais juntos do que já era [...] na época nosso casamento tava em crise, mas houve assim um momento de mais oração entre eu ele [o marido], de mais diálogo, de mais união entre o casal. E com a perda do D. assim eu vejo que um dá apoio pra o outro (M.T.)

Depois que ele [o filho] faleceu, nós não tivemos mais uma vida normal se vocês querem saber. [...] ficou muito difícil, o marido assim ele era grosso, assim pouco carinhoso [...] com o tempo, depois que ele [o filho] faleceu, ficou agressivo e isso tem sido sempre [...] tem dia que ele [o marido] tá bem, mas ele [o marido] me disse I... o dia que eu acordar e não tiver bem é porque eu tô sentindo falta do meu filho, não briga comigo. (I.)

Nestas falas vemos situações diferentes relacionadas a perda de um filho. Em uma família com a perda valorizou-se a vida e assim há a busca de maior união, observa-se que o diálogo passa a ser vivenciado no sentido de maior agregação familiar, e, ainda nesta família, a relação conjugal passa por modificações no sentido de unir o casal, onde o apoio de um para com o outro passa a ser experienciado.

A outra família é como se não conseguissem enxergar uma “saída”, nada mais é normal sem o filho. Dessa forma, percebe-se que as relações passam a ser vivenciadas de modo diferente onde inclusive a agressividade se faz presente E, a perda do filho, compromete a relação a tal ponto que as mudanças de humor se fazem presentes, mostrando que a convivência do casal é permeada pela labilidade emocional que passou a ser algo constante a partir da morte do filho.

Outra mudança relatada foi a mudança na convivência com os filhos: “Houve porque o meu segundo filho, eu tinha mais apego com o D. Eu sinto assim que a gente tá transferindo todo aquele afeto que a gente tinha pelo D. pra ele.” (M.T.). Ou ainda, “É difícil, ao mesmo tempo em que eu cuido dela [a filha] eu queria cuidar dele [o filho] também, quando eu vou escovar o dente dela eu queria tá escovando o dente dele também, entendeu?”. (I.).

Fukumitsu (2004, p. 9) diz que “lidar com perdas é um processo que pode ou não ter um fim. É totalmente compreensível que a pessoa, em seu processo de luto, desacredite que a situação terá um desfecho.” A mesma autora pontua que nas situações de perdas o impacto da perda pode gerar uma diversidade complexa de sentimentos, o enfrentamento da situação ou o ensimesmamento que segundo Forghieri (2011) caracteriza a autenticidade e a inautenticidade, respectivamente, o que está presente nos discursos. De um lado, a primeira família que se une na dor pela perda do filho e se ajudam, se amparam, caracterizando a vivência da autenticidade.

A inautenticidade é esse “fechamento” ao que é experienciado no dia a dia (HEIDEGGER, 2013). Após a morte do filho, o casal se distancia, tornam-se ensimesmados em si mesmos ou refugiam-se na expressão de agressividade.

O resgate da própria vida: o processo de superação

Conviver com a mudança da rotina, a luta diária contra a iminência de morte e então deparar-se com a inevitável perda, foram momentos pelos quais a família teve que inevitavelmente passar. E apesar de todo sofrimento sentido pela perda de um filho chega o momento em que decidem enfrentar a situação usando estratégias em seu dia a dia, bem como praticando atividades: “Então eu voltei a trabalhar o mais rápido possível, voltei também pra faculdade. (...) Queria retornar a vida normal e isso foi preenchendo aquele vazio.” (M.T.).

Esta mãe consegue transcender a dor cuidando de si mesma, estabelecendo objetivos, buscando algo para si mesma. Este agir caracteriza o que Gadelha (2017) compreende como a liberdade que o homem tem para uma tomada de decisão perante todas as condições. Assim, a possibilidade de transcender o sofrimento e a dor, permitiram que ela conseguisse superar esse momento difícil em sua vida, a perda de seu filho.

Como nos diz outra mãe, à época do adoecimento de sua sobrinha-filha, a menina fez um pedido à ela, e, após a morte da menina, passa a vivenciar o que houvera prometido:

[...] ela dizia muito assim pra mim: tia, estuda pra ser enfermeira. Tanto é que ela morreu em junho em novembro eu comecei a fazer enfermagem. Hoje eu consigo dar apoio pra qualquer mãe que estiver com seu filho pra morrer, eu consigo dar apoio, dar palavras que vão confortar o coração delas [...], então isso são aprendizagens que vão pra vida toda, esses são os ganhos que eu falo. (M.H.)

No relato desta mãe observamos a forma que ela encontra para lidar com a questão da perda, dando um novo sentido para este fato negativo aos olhos da humanidade, transformando em ganhos como ela mesma discursa. O ser-com ou o mundo das relações, conforme pressupõe Forghieri (2011) é expressamente vivenciado na fala desta mãe. O aprendizado que adquiriu no decorrer do processo de adoecimento e morte de sua filha é, a partir do óbito e consequente procura por um curso superior, redimensionado sob a forma de Cuidado com o outro, tornando-se um alicerce para aquelas mães que hoje, no hospital da FCECON – Fundação Centro de Controle em Oncologia do Amazonas ou mesmo no GACC, estão passando pela situação que experienciou há um tempo não muito distante.

Deparar com uma experiência da perda implica em lidar com uma situação diferente, que requer mudanças em relação ao velho-conhecido para o novo-diferente (FUKUMITSU, 2004). Vale ressaltar que o novo-diferente não exime o velho-conhecido, na verdade usa-o como ferramenta para este novo processo, como por exemplo, através das lembranças positivas daquele filho que se foi, o que está caracterizado na seguinte fala: “Então quando eu tô muito triste mesmo, eu lembro dessas palavras dele e me conforta. [...] Eu dizia: não, eu tenho que passar por isso. Eu tenho que levantar a cabeça.” (T.). Este processo caracteriza o movimento autêntico de ser-no-mundo, onde a lembrança do filho, das palavras desse filho, traz o conforto necessário para continuar a caminhada.

Outros fatores são importantes no processo de superação da perda: o apoio de familiares e amigos, a vivência da fé, assim como o apoio psicológico:

Eu tive muito apoio das pessoas do meu trabalho, dos meus amigos, da minha igreja, de vocês da psicologia. Eu sei que ele nunca vai sair da gente, ele sempre vai tá aqui com a gente, como diz a palavra de Deus um dia nos vamos nos encontrar e isso também nos conforta. Então acredito que esses dois é muito importante, o apoio psicológico e essa fé, ter essa fé que você vai sair dali. (T.)

[...] mas, assim lidar com a questão da perda eu superei por causa deles, naquele momento eu vi que eu tinha outros filhos pra mim cuidar, e diante da morte da minha filha, irmã deles, foram eles que me confortaram, minhas crianças [...]. (M.H.)

Pensando em tudo o que me aconteceu, a morte do meu filho, tamanha foi a minha dor, meu sofrimento [...] eu acho que a ajuda mesmo que eu tive, a que mais me ajudou mesmo foi a ajuda espiritual, foi ajuda do próprio Deus. (I.)

A partir do momento em que um novo sentido (positivo) é dado para a experiência da perda de um filho, a trajetória dos que ficam com este ser querido na memória, “no coração” como diz uma mãe, parece se tornar um pouco menos dolorosa. Como se o ser que era dotado de finitude se tornasse infinito, pois permanece vivo nas lembranças das mães, como se permanecessem vivos dentro delas.

É como diz Macieira (2001, p. 35)

morrer, nesta perspectiva é como fazer a curva de um rio; é possível que não se veja o que está além da curva, mas com certeza o rio continua, como também se pode não enxergar a fonte, mas ela está lá e jorra incessantemente.

Percebe-se que, mesmo diante da tragédia que se abateu sobre elas, as famílias com o passar do tempo vivenciam a autenticidade, caracterizada por Heidegger (2013) como a tomada de decisão no sentido de perceber o que está ocorrendo à sua volta e considerar-se capaz de realizar novos enfrentamentos. Assim, amparados neste autor, o homem autêntico é o que reconhece a dualidade radical entre o humano e o não humano, que reconhece que estar-no-mundo não implica estar-no-meio-do-mundo (HEIDEGGER, 2013; CASTRO, 2017).

A vivência da temporalidade

O ser humano traz o passado, atualiza-o no presente e projeta para o futuro suas experiências de vida, fazendo com que essa separação do tempo não seja possível. Na perspectiva do sentido não vivemos um tempo, somos um tempo, conforme ressaltam Heidegger (2013 e Castro (2017) como pode ser percebido na seguinte fala: “... e assim doeu, dói até hoje falar, não tem como não doer...” (M.H.). Outras falas também são unânimes nesse sentido:

Foi difícil e ainda é, passar por tudo que a gente passou... A dor que tu sente da perda é assim é difícil... ta com 2 anos e não passou. A dor continua mesma. É... como se eu tivesse vivenciando a cada momento tudo aquilo que já passou. E parece que continuará [...] (M.H.)

Hoje eu falo da vida do meu filho, o que aconteceu, apesar de ter dois anos que aconteceu, mas pra mim isso tá muito novo tudo. Como falei pra você, é como se tivesse acontecido ontem, ainda muito novo, tá tudo ainda muito vivo, tudo muito claro. E acho que não vai passar essa dor de perder meu filho. (I.)

As falas destas mães nos revelam a associação do tempo passado, presente e futuro. Inicialmente elas fecham-se em si mesmas, não compartilhando de imediato a sua dor. Elas atualizam em seu presente toda a dimensão do que viveram, vivenciaram do passado. Por isso o tempo é contínuo, não há dissociação. Rossi (2006, p.134) revela que “essas três dimensões do tempo cronológico não são estanques, mas implicadas inexoravelmente.” As mães relembram o vivido na ocasião da perda deste filho atualizando toda a dimensão da dor que sentiram, sentem e expressam que continuarão a sentir.

Pereira, Silva & Castro (2017) ressaltam que na perspectiva do vivido, o passado tem significado como o já vivido, que passa a ser acolhido, possibilitando que nos lancemos em projetos. Ao nos lançarmos nesses projetos, o passado é resignificado a serviço desse futuro. É o que encontramos nos discursos a seguir:

Então, na primeira semana foi muito difícil... Hoje, aqui tá fazendo um ano e oito meses, eu já consigo assim falar um pouco, porque, logo no início, só de pensar, a minha voz nem saía; e hoje eu já consigo falar um pouco dele. (M.T.,)

O tempo ajuda muito. Com o tempo a gente vai passando, a dor vai diminuindo, a gente vai aprendendo a conviver. Porque no começo foi muito difícil mesmo. Aí a gente vai tentando analisar o porquê que aconteceu né. Como aconteceu. (M.T.,)

Assim como essa mãe, que fala do tempo e da sua conquista pela dor da perda do filho ter sido amenizada, o ser humano tem a possibilidade de “recomeçar” ou “reconstruir” sua vida a partir de experiências dolorosas. Para Heidegger (2013) o presente é um misto de retomada do passado e de antecipação do futuro. Seguindo esse pensamento Mariano (2011) ressalta que a autenticidade da temporalidade dá-se através da inquietação, que possibilita que o homem ultrapasse o estágio da angústia e retome o seu destino em suas próprias mãos. O que nos confirma as falas a seguir:

Então eu voltei a trabalhar o mais rápido possível, voltei também pra faculdade. E como eu passava o dia trabalhando eu tentava esquecer e estudar também. Os meninos também eu coloquei logo atividade pros meninos. Eles voltaram a estudar depois de suas semanas. Queria retornar a vida normal. (M.T.)

E, foi pensando assim que voltei a estudar, me motivou pra estudar. Em novembro eu comecei a fazer enfermagem vou fazer um ano já, ano que vem termino, então eu quis estudar, porque melhorou pra mim, minha vida tomou um novo rumo, é um novo caminho que devo seguir. (M.H.)

Pelas falas das mães, percebe-se que justamente as experiências vividas foram repensadas, fazendo com que a angústia da perda diminuísse, pois o porvir, o futuro, através de planejamentos, está possibilitando a continuidade da vida. É a temporalidade que permite as mães remeterem-se as vivências passadas e as possibilidades futuras como existentes (GOMES & CASTRO, 2016). Isto faz com que o homem, de acordo com Heidegger (2013), não repouse no ser, mas que, no seu verdadeiro Ser, ele se encontre sempre além de si mesmo, nas suas possibilidades futuras.

Considerando o que foi descrito no parágrafo anterior e demonstrado nas falas das mães, percebe-se que o tempo, para o ente humano, não se reduz a uma somatória ou acúmulo de momentos lineares, mas, sobretudo, uma pre-sentificação significativa

do passado, do presente e do futuro, o que no pensamento de Heidegger é denominado como temporalidade (HEIDEGGER, 2013).

Guardando objetos pessoais: presentificando o filho que partiu

Esta é outra categoria que está ligada a categoria supracitada, a questão da temporalidade. Nos discursos das mães, a partir das análises feitas, pudemos observar em todos, sem exceção, a importância que as mesmas dão aos objetos pessoais do filho que faleceu em decorrência do câncer. Compreende-se a atitude dos pais como uma forma de trazer para o presente o que não se possui mais, o que só havia no passado. Como mostra o trecho a seguir: “Doei muitas coisas para o interior, mas a grande parte tá guardada. É como se ela tivesse presente comigo. São coisas que ela mais gostava, usava. Então não vejo outra criança brincando usando. É dela. Guardo junto comigo até hoje.” (P.)

O ser-no-mundo, como pontua Heidegger (2013), nunca se manifesta direta ou imediatamente, mas sim como ser de um ente, ou seja, a compreensão do ser está sempre incluída em tudo que se apropria do ente; diz respeito a muitas coisas e em sentidos diferentes (como um cachorro, um pássaro, e até mesmo uma cama ou um familiar querido que partiu). Desta forma, observamos que para estas mães guardar um objeto pessoal do filho que faleceu é a forma que encontraram de perpetuar a sua existência de ser-com-o-filho.

Comecei a doar as coisas dele, mas ficaram ainda aquelas coisas que ele mais gostava. O ultimo brinquedo dele, o ultimo pijaminha dele, esse daí tá guardado, está guardado ai, né? A bicicleta dele também. Eu acredito que guardar algumas coisas faz sentir que ele ainda está com a gente, ele ainda está com a gente em todos os momentos, porque... Ele era uma pessoa muito amável. (M.T.)

Para Heidegger (2013) a situação existencial é inseparável da temporalidade, deste modo, o homem só existe porque está essencialmente ligado ao tempo. Nesse sentido, a temporalidade une a essência dos pais com a sua existência, une os sentidos do existir, uma vez que os pais trazem para o presente e projetam para o futuro a continuidade do filho falecido, ainda que esta presença seja personificada em um objeto

que era de uso pessoal do filho. Assim, o presente é um misto de retomada do passado e de antecipação do futuro. O filósofo afirmava que existir é o mesmo que temporalizar-se.

O filho morto abandona o mundo desses pais, mas em termos de ente, aqueles que ficam podem ainda estar com ele. Assim, Heidegger (2013) reafirma a qualidade compartilhada e constantemente participatória do cotidiano existencial, o ser-com de todo ente.

Compreende-se que apesar da vivência dos sentimentos de medo, angústia, desespero, perda, luto, os pais buscam guardam como recordações mais fortes os momentos bons vividos e partilhados com o filho que partiu. E como uma forma concreta dessas lembranças preservam consigo uma peça de roupa ou até mesmo um brinquedo, o qual representa um dos momentos mais simbólicos e rico da infância – o brincar.

Fé e religiosidade: suporte diante da facticidade

A perda de um filho leva a uma situação de angústia muito grande. E para amenizar essa dor, as participantes entrevistadas esforçam-se por viver em harmonia consigo mesmas, buscando na fé subsídios para enfrentar seus sofrimentos e alternativa como suporte para continuarem a viver. Em suas falas demonstram encontrar na fé e nas orações forças para continuar suas vidas, como mostram os trechos a seguir:

Eu creio que se eu não tivesse Deus, eu já tinha desistido... Então eu creio que Deus nos fortalece, né? [...] Mas a gente não sabe a vontade de Deus né?. E aconteceu isso [...] A minha fé se enquadra nesse item de do jeito que Deus me deu ele, Deus levou ele. E isso me conforta muito, porque os anos que o D. passou pela gente, ele [o filho] nos deu muita alegria, né? [...] Eu sei que ele [o filho] nunca vai sair da gente, sempre vai tá aqui com a gente, como diz a palavra de Deus um dia nos vamos nos encontrar e isso também nos conforta [...] então é muito importante ter uma religião, ter uma fé, acreditar num Deus, que Deus vai ali nos fortalecer (M.T.)

Eu pensava aí meu Deus será que eu vou ter forças pra suportar isso, mas Deus é tão bom né? tudo Ele faz no momento certo não hora certa [...] o espírito santo de Deus que me acalmou, a

Bíblia diz que Ele é o consolador, Ele vem pra nos consolar então naquele meu momento de dor quem mais poderia me consolar, então eu creio que foi o espírito santo que me acalmou, eu creio que foi um anjo de Deus veio falar com ela [a filha], que veio preparar ela [a filha] pra levar. (M.H.)

As palavras citadas acima aludem à importância da fé no processo de luto, fé que fortalece para enfrentar a dor. Um caminho para enfrentar obstáculos e voltar a sorrir. Segundo o discurso existencial heideggeriano, a esperança trás ao Ser-aí a força necessária para emergir de sua angústia e visualizar novas possibilidades (HEIDEGGER, 2013). Aquele que tem esperança se carrega, por assim dizer, a si mesmo para dentro da esperança, contrapondo-se ao que é esperado. Como ainda relatam outros pais:

A coragem era q Deus me dava porque tipo assim [...] a fé se você tem fé você vai em frente tem coragem, aquela coragem que eu sentia que eu tava forte, eu orava pra deus me dar coragem ele me deu força... Deus me preparou naquele exato momento entendeu, Ele me preparou... que mais me ajudou mesmo foi a ajuda espiritual, foi ajuda do próprio Deus, porque eu acho assim no meu pensar só ele tem esse poder me dar esse poder pra mim ficar de pé pra enfrentar tudo isso porque ele colocou as pessoas certas na hora certa na minha vida e da minha família porque as coisas tem que ter sentido. (I.)

Então, eu preferia deixar que a vontade de Deus fosse feita né. Então, primeiro a vontade d'Ele. Então eu dizia: Senhor, antes da minha vontade que seja feita a tua. Afinal, o que seria de nossas vidas se não tivesse fé em Deus? (C.)

O caminho da esperança foi expresso pelas mães através da fé, pois a todo momento observamos que eles trazem a crença de que alguém está olhando por eles. AmatuZZi (2007) ao fazer uma aproximação fenomenológica à experiência religiosa, afirma que seu objeto de busca pelo ser humano é o divino, o transcendente. O autor comenta que o encontro com o divino pode trazer mudanças mais ou menos profundas na vida da pessoa, sendo que umas interiores como alegria ou leveza na vida.

Alles Bello (2004) ao tratar sob a perspectiva da fenomenologia acerca da religião explica que a sua função é a ampliação da vida. Assim, o homem, ao reconhecer-se mortal e aceitando-a, torna-se síntese do infinito, atemporal, do eterno.

A fé, nas variadas crenças, versa sobre algo misterioso e não palpável, como a morte, mas que trás, em seu bojo, o conforto aqueles que procuram entender algo além do conhecido, pelas vias da razão. A fé pode preencher esse vazio explicativo para a morte do ente querido, como é percebido nas falas dessas mulheres que encontram em sua fé o lenitivo e o conforto para seguirem adiante.

O profissional de saúde como agente de informação e apoio

Ao suporte do profissional de saúde em particular é atribuído muita importância, principalmente no momento onde o diagnóstico é inesperado. Logo após o recebimento do resultado dos exames, as reações são de preocupação e nervosismo carregados de dúvidas quanto ao que há de vir. Neste momento, consideram as informações e o apoio dos profissionais do hospital essenciais, sobretudo quando os mesmos se colocam à disposição no sentido de explicar e esclarecer os cuidados e procedimentos necessários para uma nova rotina de vida.

Quando a médica falou que era leucemia. Nossa, no primeiro momento, no meu pensamento. A pior coisa já ia acontecer, mas aí, o médico conversou, explicou como era. Que ele ia fazer tratamento e tudo. Tinha chances né? Me explicou direitinho todo o processo de tratamento, aí eu fiquei mais tranquila” (P.)

Quando eu recebi o diagnóstico, lá no CECON, eu fiquei assim, caída, preocupada. Mas, teve uma médica lá que disse: “Senhor, vá rezar, porque eu já vi coisas aqui que nem a medicina sabe explicar. Então eu fiz isso, me apeguei à fé, sem ela não somos nada, né? (C)

A psicóloga apareceu pra me ajudar, não tinha ninguém pra me ajudar, eu não comia há 24 horas, ninguém conversava comigo pra explicar o que tava acontecendo. Mas, nesse dia, ela se aproximou, sentou junto de mim e começou a me explicar o que era tudo aquilo. (K)

Nos momentos mais difíceis, desde o diagnóstico até as internação que foram muitas, eu procurava a psicóloga do GACC. Quando acontecia algo e eu me preocupava muito eu ligava pra ela, M. C. eu tô precisando falar contigo, eu não to bem, aí eu fui com ela, conversei com ela. (I)

É de suma importância ser sensível ao outro. De acordo com Valle (2001) a capacidade de aceitar a doença está vinculada à maneira pelo qual o diagnóstico revelado à pessoa e à família, demonstrando ser o profissional de saúde fundamental para o acolhimento destes no que for possível. Continuando, Valle (2001) ainda afirma que o profissional de saúde deve não apenas curar, mas ainda demonstrar um cuidado autêntico sendo ser-com-o-outro implicando no acolhimento por completo.

Forghieri (2011, p. 31) infere que “o existir é originariamente ser - com o outro, embora o compartilhar humano nem sempre seja vivenciado de fato.” A busca do estabelecimento de vínculo afetivo com o profissional permite a compreensão da necessidade que o paciente possui em compartilhar receios e questionamentos. Para Gomes & Castro (2017) este é o instrumento para compreender de maneira singular esses seres em sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que, diante da facticidade e, caminhando em conjunto com a tristeza, os discursos das mães também trouxeram expressas a esperança, a tenacidade, a luta e a perseverança permeando as vivências. A perda de um filho em decorrência do câncer as deixou “sem chão” e com desejo de morrer também, porém, compreenderam que é preciso lutar pela vida, lutar sempre, sendo tenaz e autêntico.

Buscou-se penetrar o mais profundo possível nos discursos com o objetivo de compreender e levantar o significado a respeito das vivências dessas mães que perderam um filho por conta de uma doença avassaladora, o câncer. Ressalta-se a escolha do método fenomenológico para embasamento desta pesquisa como peça chave, uma vez que tal método permitiu a compreensão do fenômeno, ou seja, possibilitou adentrar no mundo destas mães que perderam um filho com câncer buscando compreender o que significou para elas, a perda desse filho.

O diagnóstico de câncer fez com que as mães mergulhassem em um mundo de pesar e negação, negação de si em prol do filho, negação da doença; instaura-se o medo da perda. Então, faz-se necessário lutar. A vida torna-se, dessa forma, uma contínua batalha contra um inimigo que está sempre à espreita, rondando. Contudo, o inevitável acontece, a perda do filho e com ele a perda de muitos sonhos e planejamentos.

E agora? Neste ponto, a pesquisa proporcionou como resultados categorias de análise que possibilitaram maior compreensão sobre esta vivência da perda. A família se torna o apoio fundamental para que a situação seja enfrentada, contudo, a dinâmica familiar sofre modificações extremadas. A fé em Deus que os conforta e alivia o sofrimento e a dor vivenciada também possui papel primordial neste momento difícil, assim como o acompanhamento de um profissional de saúde, uma vez que, frente à perda de uma criança, ambos a fé e o vínculo com o profissional são usados como recursos para superar esse acontecimento trágico e dar continuidade ao cuidado de seus outros filhos, superando dores, sofrimentos.

Este estudo buscou compreender o significado da perda de um filho a partir dos discursos dos pais, bem como evidenciou que a perda e a morte para esses pais são facticidades da vida que suscitam por vezes o sentimento de dor e desespero. Contudo, em meio a tal fatalidade é possível optar por ser autêntico e escolher a continuidade da luta e amor pela vida. Assim, cita-se a fala de uma mãe que retrata de forma bela e clara a morte como um acontecimento da vida e não o fim da vida: “a morte não é pra quem fica, é pra quem vai e a vida é transformada através da morte” (M.C.).

Percebe-se, nos discursos destas mães, que a morte é, muitas vezes, um processo vital que determina inclusive a própria condição da vida.

REFERENCIAS

- AMATUZZI, M.M. Uma aproximação fenomenológica a experiência religiosa. In ARCURI, I.G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Orgs.) **Temas em psicologia da religião**. (pp. 38-49) São Paulo: Vetor, 2007.
- Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro a dezembro, p. 25 – 48, 2006
- BELLO, A.A. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia historia e religião**. Bauru, SP: EDUSC, 96p, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer_ **O câncer no Brasil: determinantes sociais e epidemiológicos**. Rio de Janeiro: INCA, 87p, 2007
- BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer_ **Câncer da criança e adolescente no Brasil: dados dos registros de base populacional e de mortalidade**. Instituto Nacional de Câncer. – Rio de Janeiro: INCA, 89p, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **Diagnóstico precoce do câncer na criança e no adolescente**. Instituto Nacional de Câncer, Instituto Ronald McDonald. – Rio de Janeiro: INCA, 68p, 2009.

CASTRO, E.H.B. **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger** – Ribeirão Preto. Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto. USP. Tese (Doutorado). 2009, 182p.

_____. Mães de crianças com câncer: repercussões familiares, pessoais e sociais. **Rev. Psicol Saúde**. 2010.

_____. A Filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa** – 1 ed. – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26

CATERINE, Marlene Carvalho. **Luto Adulto: Fatores Facilitadores e Complicadores no Processo de Elaboração**. Monografia – Curso de Aprimoramento de Luto e Perdas do Instituto de Psicologia 4 Estações, São Paulo. 180p, 2007

CORREIA, P.C. & CASTRO, E.H.B. O que as estrelas têm a dizer: a escuta de adolescentes com câncer. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa** – 1 ed. – Curitiba : Appris, 2017, p. 101-114.

DREIFALDT, A.C.; CARLBERG, M e HARDELL, L. Increasing incidence rates of childhood malignant diseases in Sweden during the period 1960-1998. **European Journal of Cancer**. Jun; 40 (9):1351-60, 2004

DULIOUST, J ; PÉPIN, P. & GRÉMY, I. (2008) Ile-de-France :Épidémiologie des cancers chez l'enfant de moins de 15 ans. **adsp** n.61 / 62 décembre 2007 – mars, p. 98 – 108, 2008

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 81p, 2011.

FUKUMITSU, K. O. **Uma visão fenomenológica do luto: Um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 87p, 2004.

GADELHA, C.L. Sartre: Fenomenologia e Existencialismo In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa** – 1 ed. – Curitiba : Appris, 2017, p. 33-42.

GERHARDT, C. et al., Parental adjustment to childhood câncer: A replication study. **Families, Systems & Health**. Vol 25 (3), Sep, 263-275, 2007.

GIORGI, A. & SOUZA, D. *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa, Portugal : Fim do Século, 2010.

GOMES, K. K. A.; CASTRO, E. H. B. Compreendendo a vivência de crianças com câncer através da fenomenologia. **AYVU - Revista de Psicologia**, UFF, 2016, p. 94-121.

GREENLEE, R.T. Cancer statistics, 2001. **CA Cancer J Clin**. 51:15-36., 2001

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante – (9^a.ed.) Petrópolis:Vozes,v.1, 323p, 2013

HELSETH, S. & ULFSAET, N. Parenting experiences during cancer. **J Adv Nurs**. 52:38-46, 2005

HUSSERL, E. *Investigações Lógicas: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. Trad. Pedro M.S. Alves e Carlos Aurélio Morujão - 1^a. edição – 2^a. reimpressão - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015

IZARZUGAZA, M.I. et al. Non-Hodkin's lymphoma incidence and survival in European children and adolescents (1978-1997): report from the Automated Childhood Câncer Information System project. **European Journal of Cancer** . sep, 42 (13):2050-63, 2006

KAATSCH, P. et al. Geographical patterns of childhood cancer incidence in Europe (1988-1997): report from the Automated Childhood Cancer Information Systma Project. **European Journal of Cancer**. Sep; 42 (13): 1961-71, 2006.

LOPES, D.P.L.O e VALLE, E.R.M. A organização familiar e o acontecer no tratamento da criança com câncer In: VALLE, E.R.M (Org) **Psico-oncologia pediátrica** – pp. 48-69 São Paulo:Casa do Psicólogo, 2001.

MACIEIRA, R. C. **O Sentido da Vida na Experiência de Morte: Uma Visão Transpessoal em Psico-Oncologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 96p, 2001.

MARIANO, A.P.R. [Sobre a Ontologia Heideggeriana](http://www.espacocuidar.com.br/psicologia/artigos/sobre-a-ontologia-heideggeriana). Disponível em: <http://www.espacocuidar.com.br/psicologia/artigos/sobre-a-ontologia-heideggeriana>. Acessado em: 28 jan. 2011.

PEREIRA, D.G. & CASTRO, E.H.B. O método fenomenológico de pesquisa em psicologia. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa** – 1 ed. – Curitiba : Appris, 2017, p. 43-47

PEREIRA, D.G.; SILVA, M.R.O. & CASTRO, E.H.B. Meu filho tem câncer: vivências de mães a partir da Ontologia Hermenêutica de Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa** – 1 ed. – Curitiba : Appris, 2017, p. 49-62

PERLS-BONET, R. et al. Childhood central nervous system tumours – incidence and survival in Europe (1978-1997): report from Automated Childhood Cancer Information System Project. **European Journal of Cancer**. Sep; 42 (13) : 2064-80, 2006.

ROSSI, L. **Vivências de mães de crianças com insuficiência renal crônica: um estudo fenomenológico**. 164 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras de Ribeirão Preto da USP., 2006

SILVA, J. M.; CASTRO, E. H. B. Ela tem peito, sou des-peitada, muito prazer: sou mastectomizada. **Ayvu - Revista de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 47-83, 2015.

STELIAROVA-FOUCHER, E. et al. Geographical patterns and time trends of cancer incidence and survival among children and adolescents in Europe since the 1970`s (the ACCIS Project): and epidemiological study. **Lancet**. Dec 11-17, 364 (9451) : 2097-105, 2003.

VALLE, E.R.M. **Psico – oncologia Pediátrica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 120 p, 2001.

VON DER WEID, N. Spécificités du cancer de l'enfant et de l'adolescent. **Paediatrica**. Lausanne, p. 23-27, v.17, n.2., 2006

Recebido 20/10/2017. Aceito 20/11/2017.

Sobre os autores e contato:

Fabíola Vieira - Psicóloga formada pela Universidade Federal do Amazonas. Mestranda do PPGPSI/UFAM.

Denis Guimarães Pereira- Psicólogo formado pela Faculdade Martha Falcão/Devry. Mestrando do PPGPSI/UFAM

Ewerton Helder Bentes de Castro - Professor Doutor docente da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do PPGPSI/UFAM.

E- Mail: ewertonhelder@gmail.com